

A via da dor

O martírio
de Cristo em
14 poemas

Nesta edição

- 2 — **Opinião**
Editorial
- 3 — **Entrevista**
Victor Alegria
- 4 — **Pedras de Minas**
Agenor Gonzaga dos Santos
- 5 — **Modernismo — Cabo Verde**
C. Nunes
- 6 — **Modernismo — Cabo Verde**
C. Nunes
- 7 — **Transfinito**
R. de Melo Souza
- 8 — **Transfinito**
R. de Melo Souza
- 9 — **Transfinito**
R. de Melo Souza
- 10 — **Movimento Verde**
Ronaldo Cagiano
- 11 — **Movimento Verde**
Ronaldo Cagiano
- 12 — **Via Dolorosa**
Eno Teodoro Wanke

- 13 — **Via Dolorosa**
Eno Teodoro Wanke
- 14 — **Grande Otelô**
J. Antonio
- 15 — **Paranoá**
Valter Pedrosa
- 16 — **Paranoá**
Valter Pedrosa
- 17 — **Artigo**
Jason Tércio
- 18 — **Artigo**
Jason Tércio
- 19 — **Poesia Visual**
Vários
- 20 — **Poesia**
Vários
- 21 — **Poesia**
Vários
- 22 — **Poesia**
Vários
- 23 — **Cartas**
- 24 — **Parque de Los Poeta**

O Modernismo em Minas e o Grupo de Cataguases

□ Ronaldo Cagiano Barbosa



“Todo o Brasil está surpreso: existe Cataguases!”. Com esta exclamação, o célebre escritor Ribeiro Couto inaugurava a reação dos intelectuais dos grandes centros diante do aparecimento da **Revista Verde**, arauto de uma corrente literária surgida em Cataguases, na década de 20, chamado Movimento Verde, tendo como signatários Rosário Fusco, Ascânio Lopes, Enrique de Resende, Francisco Inácio Peixoto e Guilhermino César. Estava definitivamente fundada uma vertente mineira do movimento

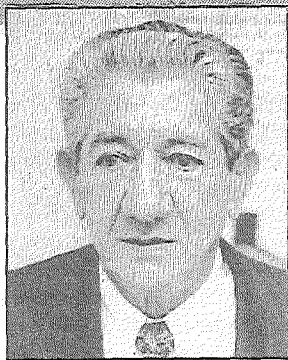
paulista, anteriormente deflagrado pela Semana de Arte Moderna de 1922, por Oswald e Mário de Andrade. Apesar das poucas pretensões, como diziam no seu “Manifesto do Grupo Verde”, os idealizadores dessa proposta romperam as fronteiras interioranas, despertando interesse no resto do País, quicá no exterior, merecendo inclusive a atenção de Blaise Cendrars, poeta francês.

O “Grupo Verde” atraiu colaboradores dos meios literários do Brasil. A exemplo de revistas como a Klaxon, Festa, Antropofagia, Pau-Brasil, A Revista e outras, a **Verde** juntou-se ao eco da revolução estética ensejada pelos modernistas, exorcizando a literatura tradicional e impondo-se como periódico de importância literária, conquistando a adesão de Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault, Menotti del Picchia, Murilo Mendes, Pedro Nava, Mário de Andrade, Aníbal Machado e uma turma de

poetas e escritores que já pontificavam no meio literário.

A **Verde** durou pouco mais de dois anos (1927-1929) e seu número derradeiro saiu após a morte de Ascânio Lopes, o mais refinado integrante do grupo, ceifado pela tuberculose ainda jovem, cujo trabalho foi comparado pelo crítico literário Delson Gonçalves Ferreira, da UFMG, à poesia drummondiana, tal a coincidência de temas e semelhança de recursos verbais. Sem Ascânio, a **Verde** nunca mais saiu, e apesar de sua efemeridade, firmou-se como um suplemento inovador, dada a ousadia daqueles moços, ginasianos ainda, que foram chamados de “os ases de Cataguases”.

O **Movimento Verde** produziu seus frutos, pois a partir dessa centelha, Cataguases experimentou posteriormente agudo processo de incremento cultural, com a eclosão de outras correntes literárias.



Jorge
Cauhy — PP

Novo Espaço Cultural

Empenhado em ampliar o espaço cultural do DF, o Deputado Jorge Cauhy (PP) espera ver aprovada sua proposta que autoriza a instalação de atividades de prestação de serviços de promoção e realização de eventos de natureza social ou cultural, em edificações de uso residencial do Setor de Mansões Park Way.

Para o parlamentar, trata-se de uma iniciativa capaz de abrir novas oportunidades de trabalho e geração de empregos, melhorando ainda a opção de lazer para a população que terá à disposição uma variada gama de espetáculos.

Pela proposta, fica preservada a manutenção do projeto urbanístico do setor, não havendo nenhuma necessidade de alteração do conjunto arquitetônico, o que mantém inalterada a destinação da área.

— É um esforço a mais no sentido de difundir empreendimentos sócios-culturais e a busca da descoberta de novos talentos, o que por certo ocorrerá com a abertura de mais espaços.

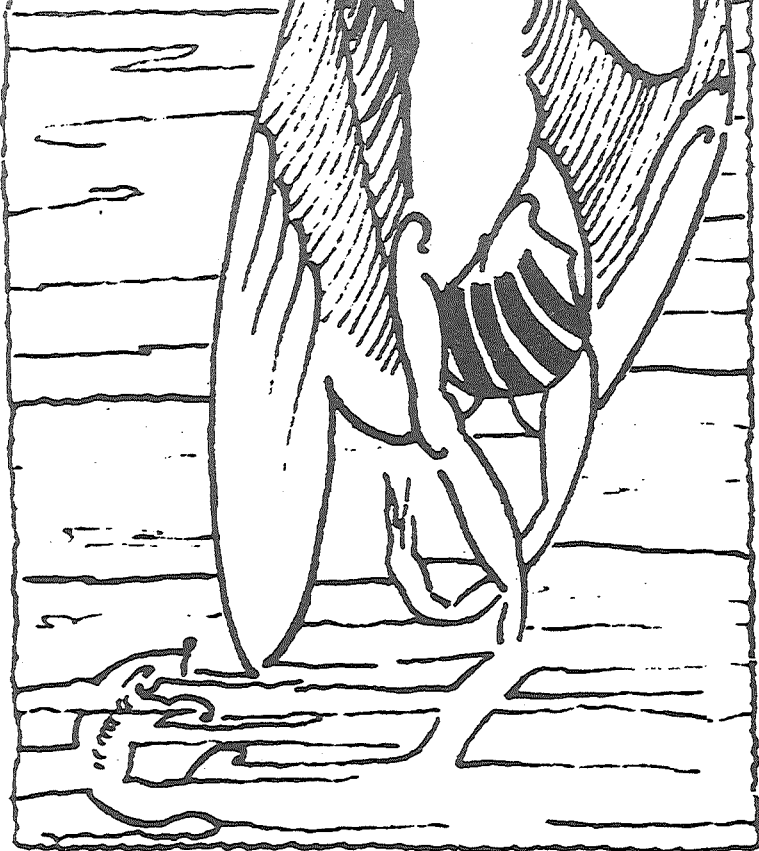
Embora o País esteja mergulhado em uma série de dificuldades e sua população convivendo perplexa com as

sucessivas crises políticas, morais e econômicas, não se pode relegar a cultura a um compasso de espera por melhores dias. A despeito de todos os problemas, ela tem de ser encarada como uma constante prioridade, já que é parte inerente da grandeza de qualquer povo.

Para se ter idéia da importância da cultura no desenvolvimento de uma nação, basta lembrar a Grécia. Muitos séculos antes de Cristo ela se destacou justamente neste campo, legando para posteridade um exemplo do brilho intelectual de seus filhos.

motivada pela arrancada estética que a colocou no cenário das Letras. Francisco Inácio Peixoto e Rosário Fusco contribuíram para inserir Cataguases, uma cidade até então de vocação fabril, no roteiro do mecenato. É que Chico Peixoto juntou-se, como Fusco, aos mais importantes nomes das artes e da literatura da época, patrocinando investimentos em diversos campos da arte ao atraí-los para lá, deles auferindo uma participação intensa na vida municipal.

Zina Aita,
Ícaro, 1922,
nanquim.
Coleção
particular,
São Paulo.



Daí resultaram aquisições importantes para o lugar. Portinari, Oscar Niemeyer, Bruno Giorgo, Emeric Mercier, Anísio Medeiros, Djanira, Bolonha, dentre outros artistas, deixaram lá suas obras, motivo de intensa peregrinação turística. Portinari pintou o famoso painel "Tiradentes" para o Colégio de Cataguases, este projetado por Niemeyer, com jardins de Bule Marx e escultura de Giorgo. Além disso, produziram inúmeras obras, entre painéis em azulejos, afrescos, residências luxuosamente projetadas e outras manifestações artísticas.

Vale destacar que paralelamente a este movimento, surgia o cinema pioneiro de Humberto Mauro, disseminando o chamado "Ciclo de Cataguases", que produziu películas antológicas, como Ganga Bruta, Brasa Dormida e Tesouro Perdido, reliquias da cinemateca nacional. O conjunto da obra maureana tem interessado a críticos de cinema e arte, como Alex Viany e Paulo Emilio Salles Gomes (in "Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte"), que analisa a importância de sua produção e sua influência no cinema novo e nas gerações seguintes.

Mais tarde, outros movimentos tiveram ensejo, como o grupo Meia-Pataca, formado por Lina Tâmega, Plínio Filho, Celina Ferreira, Francisco Marcelo Cabral, Lecy Delfim. Depois, veio o concretismo e a poesia, processo através de Joaquim Branco, Ronaldo Werneck e Pedro Branco Ribeiro. E mais adiante, na esteira desse processo, a poesia de Márcia Carrano, os contos de Alcino Antonucci, a prosa de Washington Magalhães, o teatro de



Renato Silva, Ilustração para revista, C. 1925.

Carlos Sérgio Bittencourt, Ady Rezende e Di Carrara.

O universo de criação e renovação cultural proposto pelo Grupo de Cataguases, os "Verdes", foi reconhecido nacionalmente por muitos críticos e é motivo de estudos e interpretações no campo da Literatura, situando a **Revista Verde** como um ato de resistência, ousadia e independência, que rompendo as amarras do comodismo paraguiano e desatando as algemas dos tradicionalistas, numa cidade mineira da década de 20, conseguiu impor-se como uma autêntica e competente produção literária.

Hodiernamente, Cataguases ressentem-se de uma certa apatia no âmbito

dessas produções, preferindo alimentar um saudosismo inócuo e uma nostalgia inconsequente, já que novos movimentos insistem em hibernar-se, ora por rejeição do **status quo** político, ora por força das condições econômicas, que não permitem maiores investimentos nessa área.

Espera-se que a ebulição criadora daqueles tempos possa retomar o seu leito e levar a nova safra a propostas que possam despertar outras salutares e produtivas inquietações.

■ Ronaldo Cagiano Barbosa é poeta e advogado, publicou três livros: Palavra Engajada, Colheita Amarga e Outras Augústias e Exílio. Tem artigos publicados em diversos jornais e revistas. Natural de Cataguases (MG), residente em Brasília há 13 anos.



Odilon
Ayres — PMDB

Prioridade à Cultura do DF

Precisamos valorizar o potencial cultural do Distrito Federal. A cidade é jovem, tem quase 34 anos, mas já apresenta um grau de cultura muito elevado, que nasceu do acervo herdado dos estados da Federação, diante de sua população heterogênea. Os valores são expressados através de diversas atividades: musicais, teatro, esportes e cinema, entre outras. Da terra já partiram

vários nomes famosos como Ney Matogrosso, Raimundo Fagner, Jessé, Osvaldo Montenegro, Célia Porto, Kássia Eller, Paralamas do Sucesso e Lagião Urbana. No esporte, para citarmos apenas alguns, estamos bem representados pelo tricampeão Nelson Piquet e pelos corredores Joaquim Cruz, pelos jogadores Oscar, Tande. No cenário artístico, exportamos vários atores e atrizes, como

Françoise Furton e Mariane Vicentinni, e tantos que participaram de diversas filmagens. O espaço é pequeno para desfilarem o cadastro tão grande. O importante é que devemos explorar mais o potencial artístico cultural do nosso povo, para que tenhamos condições de mostrar que em pouco tempo o DF será um grande centro irradiador da cultura do País.